Ensino de geografia e escolas do campo: o conhecimento geográfico como um saber em conjunto.

Alexandra Maria de Oliveira
Doutorado em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Brasil

1 – Introdução

Na direção de fortalecer a relação universidade e escola básica do campo, o estágio curricular em Geografia II tem procurado indagar sobre que contribuições encontramos na pluralidade de experiências escolares para o pensar a formação docente. Nesse texto específico, abordamos um momento no processo de socialização de professores e alunos do departamento de Geografia da UFC com professores e alunos da Escola Família Agrícola(EFA) Dom Fragoso, localizada na comunidade Santa Cruz em Independência, Ceará.

A Geografia, como disciplina escolar, tem papel relevante no entendimento dos processos que envolvem a relação sociedade e natureza e o estágio curricular nos cursos de licenciatura tem possibilitado um reconhecimento de nossa prática docente no trabalho com a disciplina no mundo da escola contextualizada: indígena, quilombola, camponesa, inclusiva, etc. A escola contextualizada em diferentes modalidades de educação é vista como uma proposta que nasceu de demandas dos movimentos sociais: indígena, camponês e quilombola, na construção de uma política educacional para os acampamentos e assentamentos de reforma agrária, os territórios indígenas e as comunidades quilombolas. Essa interpretação é relevante na compreensão da realidade que envolve a escola contextualizada, que se encontra no processo de espacialização das lutas sociais.

A reflexão sobre ensino de geografia na escola contextualizada tem nos levado a um (re)pensar nossa formação como educadores e o papel da escola como lugar de transformações sociais. A experiência desenvolvida com alunos de estágio curricular na EFA Dom Fragoso colocou o desafio de desenvolver, juntamente com a escola, instrumentos pedagógicos que contribuíram para o ensino da Geografia do campo. O trabalho com o estágio curricular tem

evidenciado o fato de ser de fundamental importância o envolvimento de todos no trabalho em conjunto.

2 – Escola do campo na prática com a Geografia

A Escola Família Agrícola (EFA) no Ceará começou a ser idealizada nos anos 1960 pelo Movimento de Educação de Base, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), voltado para mobilização da juventude católica rural nas reflexões sobre a organização camponesa e o processo migratório do campo para a cidade. Foi preciso buscar instrumentos e ações capazes de pensar o campo como lugar de vida e trabalho para os filhos de agricultores que, muitas vezes, optavam pelo êxodo rural. Nesse contexto, a Escola Família Agrícola Dom Fragoso teria o papel de pensar uma educação contextualizada com o povo do campo. A EFA teve seu embrião cultivado pelo bispo da Diocese de Crateús, Dom Antônio Fragoso e pela Irmã Paulete.

A EFA Dom Fragoso localiza-se na comunidade Santa Cruz, 20 km da sede do município de Independência, numa área de 135 hectares, na depressão sertaneja dos sertões dos Inhamuns. A escola oferece turmas de ensino fundamental e médio profissionalizante e atende estudantes dos municípios de Independência, Tauá, Quixeramobim, Santa Quitéria, Monsenhor Tabosa, Choro, Crateús, Tamboril, Nova Russas e Parambu.

De acordo com Jesus (2007), a Escola Família Agrícola atua como um projeto voltado especificamente para as populações campesinas consolidou-se porque acreditou no homem do campo e na possibilidade de promover uma educação diferente que resgata o valor da terra e une formação técnica profissional à formação humanista.

A EFA Dom Fragoso se propõe a uma formação integral do jovem, a nível humano-social, intelectual-profissional e ético-espiritual; a diminuir os índices de evasão e repetência dos estudantes; a trabalhar a permanência dos ex-alunos no campo e a melhorar a qualidade de vida das famílias. Portanto, é uma escola que se empenham em construir um ensino contextualizado tendo por princípio a formação humana com a pratica social daí a valorização do trabalho junto às comunidades rurais.

Para que essa proposta seja concretizada tem sido aplicada a Pedagogia da Alternância na escola. Essa trabalha na perspectiva de dois momentos (chave) complementares na formação dos estudantes: o tempo-escola e o tempo-

comunidade. No primeiro, os alunos têm a oportunidade de desenvolver saberes e praticas próprias da vida rural e no segundo momento, os alunos praticam em suas comunidades as aprendizagens experimentadas na escola. Os estudantes alternam 15 dias na escola e 15 dias nas comunidades, onde passam a desenvolver uma atividade.

Na leitura da escola, a alternância favorece uma situação na qual, os alunos, podem observar, descrever, refletir, analisar, avaliar, experimentar, agir ou questionar e vivenciar a escola, mas também podem estar em suas comunidades, sem representar perda de mão-de-obra para as unidades familiares.

De acordo com Jesus (2007), a Pedagogia da Alternância é uma metodologia utilizada nas propostas educacionais que visam promover a formação integral dos sujeitos do campo, apropriada à realidade, criando alternativas de geração de renda na perspectiva do desenvolvimento sustentável propiciando-lhe condições de fixar-se ao meio rural com qualidade de vida.

A Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso proporciona que o estudante faça uma análise da sua realidade por dentro da escola através das rodas de conversas nas salas de aulas, na palhoça ou no refeitório, locais onde são socializadas as atividades desenvolvidas nas comunidades entre estudantes, professores e monitores. As rodas de conversas acontecem quando os estudantes retornam a escola e socializam as atividades praticadas nas comunidades. O momento da troca de experiência é coordenado pelos monitores, o resultado dessa conversa é encaminhado para o corpo docente da escola que rever seu planejamento de aulas a partir da vivência dos estudantes em suas comunidades.

As escolas em alternância possuem instrumentos pedagógicos específicos para executar o seu plano de formação, tais como: plano de estudo, caderno de síntese da realidade do aluno, visitas de estudo, intervenções externas e caderno de acompanhamento da alternância do aluno. Na leitura da EFA todos esses instrumentos são fundamentais, pois possibilitam analisar aspectos da realidade do educando e promover a relação autêntica entre a vida e a escola camponesa.

Para Oliveira e Silva (2009) a escola do campo é parte constitutiva de um projeto de desenvolvimento para o campo construído pelos camponeses na luta pela reforma agrária. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental na formação dos estudantes, pois além do aprendizado técnico com conhecimento

crítico do cotidiano comunitário, são construídas relações de respeito, humildade, afetividade e comunhão que serão compartilhados nas famílias e nos coletivos de jovens organizados nas comunidades, nos acampamentos ou nos assentamentos.

A experiência na disciplina de Estágio Curricular em Geografia de pesquisar escolas com ensino contextualizado tem ocorrido através de desenvolvimento de estágios e trabalhos de campo em escolas indígena, camponesa, de surdos, entre outras.

Os estágios curriculares têm o objetivo de conhecer pedagogicamente a experiência de alunos e professores com a Geografia escolar e assim, encontrar, se possível, experiências e saberes necessários a um pensar a nossa prática docente.

Para isso, partilhamos das idéias de que o mundo tem passado por mudanças significativas, alterações na geopolítica mundial, flexibilidade econômica, privatização de instituições públicas, processo de mundialização do capital e com ele a escola e o ensino de geografia, contraditoriamente, estão enclausurados em políticas, currículos e diretrizes de formação docente pensadas para a docência escolar e, sobretudo, para remediar problemas escolares.

Nesse contexto, conforme Arroyo (2010) os atores pedagógicos estão sendo formados como se distantes e imunes a dinâmica social e suas tensões. Na condição de candidatos ao magistério são vistos e formados, ignorando sua condição social, racial, étnica, de gênero, campo ou periférica. Esse traço universalista presente na visão dos profissionais da educação escolar tem levado a formação de um perfil neutro, generalista, insensível à dinâmica social, sem capacidade de sua análise e da compreensão das especificidades dos tempos e espaços, dos coletivos onde exercer a docência ou a gestão.

As experiências de formação que vem dos movimentos sociais, especificamente do campo, se contrapõem a essas tendências e a esses perfis de formação docente, neutros, descontextualizados. Esta é uma das contribuições mais significativas dos movimentos sociais do campo para a formação docente.

A formação docente em Geografia na contemporaneidade busca novos paradigmas de conhecimentos que dêem conta da tarefa de compreender o mundo. Trata-se de produzir conhecimentos de modo mais integrado e interdisciplinar abertos a novas interpretações e reelaborações (Cavalcanti, 2010).

No caminho para superar as dificuldades presentes no ensino de Geografia, o Estágio curricular em Geografia procura conhecer experiências de ensino em escolas contextualizadas, onde novos caminhos para a pratica pedagógica estão propostos.

O trabalho com as escolas do campo têm as seguintes características: considerar o papel que os professores e a juventude vem exercendo na construção das escolas do campo; assumimos a postura de que os professores e os jovens já possuem um saber construído na pratica cotidiana e na militância. Sua prática social e militância estavam constantemente presentes no diálogo. Isso tem permitido que se estabeleça a relação teoria e prática como unidade na diversidade e a identificação com o projeto popular de escola para o campo pensado pelos movimentos sociais e representações camponesas.

A Geografia como disciplina escolar está contextualizada em eixos temáticos como: as sementes de nossa comunidade; cultura camponesa ou conflitos no campo. No relato dos alunos é com a Geografia que se discute a realidade do mundo, a importância dos mapas, a degradação dos solos, ou ainda, a agricultura patronal e o estatuto da terra. Nessa leitura, a Geografia está contextualizada. Existe toda uma importância de se estudar agricultura camponesa e patronal; revolução verde e estatuto da terra para se entender as raízes dos conflitos do campo que se mantém nos dias atuais. Assim, a Geografia escolar tem função de contribuir com o entendimento da realidade social vivenciada pelos jovens do campo.

A Geografia também foi apresentada na leitura da convivência com o semiárido: problemática ambiental. Com relação a questão ambiental, a degradação dos solos apareceu como o principal problema ambiental, seguido da questão hídrica e a perda da biodiversidade. De acordo com os jovens, o quadro atual tem revelado uma situação de desgaste dos solos nunca vista nos sertões cearense. Em parte, essa tem a ver com a rotação de terras na atividade agrícola presente na cultura sertaneja, porém outros fatores também precisam ser considerados, como o povoamento do semiárido; a expansão das olarias para a construção civil; a retirada de lenha para fornos e carvão, e a não orientação técnica. Isso quer dizer que mesmo que não haja atividade agrícola com a rotação de terras e a coivara, esses outros fatores irão contribuir para a degradação do

solo porque a retirada da vegetação, entre outros processos, expõe o solo à erosão.

Na visita de observação do ambiente escolar, encontramos várias experiências de trabalho coletivo desenvolvidas pelos professores e os jovens que se revelam como ações coletivas ou práticas alternativas fundamentais na convivência com o semiárido produzido pela juventude do campo: a rádio comunitária é espaço de comunicação, onde toda a programação diária é organizada pelos jovens estudantes que também utilizam a rádio como espaço de divulgação de suas experiências dentro e fora da escola; o grupo de jovens, um espaço de formação política, onde se busca compreender a luta e formar jovens dirigentes de brigadas e lideranças; os quintais produtivos, as mandalas e as hortas são espaços de formação que podem gerar renda e melhorar a alimentação da família; a feira agroecológica, é atividade realizada por jovens que divulgam e vendem seus produtos, mas também, forjam nesse espaço a troca de produtos e experiências entre as comunidades.

De acordo com Caudau e Lelis (1990) a teoria deve está atrelada com uma prática real naqueles a quem se dirige, para que seja tomada a consciência da prática ou, pelo menos, dos sentimentos que os animam e que eles gostariam de ver presentes na pratica. No trabalho com os jovens militantes aprendemos que a teoria só faz sentido para eles, se tiver origem na luta por um projeto popular de desenvolvimento do campo.

A gestão coletiva já é uma pratica de grupo de professores e de jovens apreendida no processo de construção do movimento de luta pela terra. Isso tem exigido algumas considerações:

- adotar procedimentos participativos e de diálogo em que os professores e alunos sejam ouvidos, quer pelos colegas, quer pelo animador do grupo. No cotidiano da escola regular essa pratica acaba sendo deixada de lado em meio à sobrecarga de trabalho burocrático. Confrontar idéias e praticas é importante no crescimento pessoal e profissional.

- criar um clima de proposição com divisão de tarefas e encaminhamentos para assim ir desenvolvendo a confiança entre os alunos. Aqui foi posto idéias, limites e conflitos acerca de questões latentes na relação universidade-escola camponesa que nunca se tinha falado. E daí foi fácil analisar a existência de projetos diferenciados para o mundo da escola do campo presente na sociedade.

- com esses procedimentos participativos foi se instituindo o clima de confiança e boas reflexões sobre nossa pratica e conhecimento.

A abordagem coletiva das dificuldades favorece a construção da autonomia do sujeito e a sua capacidade de análise crítica. É, portanto, muito importante fazer com que o professor e o jovem individualmente e como coletivo sejam capazes de se colocar perguntas do tipo: Por que se faz assim? Para quem? E ter coragem de fazer aquilo que parece melhor naquela situação para o coletivo. Evidentemente que a atitude de questionar pode criar problemas para o sistema estabelecido. Mas, a idéia do conflito deve está posta em nossa prática social.

A forma dialogada de trabalho em conjunto contribuiu para uma avaliação satisfatória por parte da escola, corpo docente e discente envolvidos nos trabalhos. Na avaliação final (alunos, professores e monitores), ficou claro que no início das atividades a escola teve dificuldade para entende o que exatamente seria a proposta do grupo de estágio. A própria linguagem foi algo que precisou ser trabalhada para se poder ser entendida. Também, optamos por ir construindo a atividade de campo, respeitando a dinâmica da escola e os limites das turmas e dos professores. Assim, todas as atividades foram construídas pelo grupo da escola.

Encerramos nossos trabalhos com satisfação em relação aos objetivos propostos no período especifico, também, ficou claro a necessidade do retorno a escola família agrícola no sentido de produzir instrumentos cada vez mais eficazes no trabalho de leitura e reconhecimento de uma Geografia escolar do campo cada vez mais comprometida com o movimento por uma educação do campo de qualidade.

3 – Considerações Finais

A reflexão sobre ensino de geografia, professores e jovens do campo e escola contextualizada tem nos levado a um (re)pensar nossa formação como educadores e o papel da escola como lugar de transformações sociais. Nesse caminho, a prática social como professores e pesquisadores, tem permitido uma reflexão da prática pedagógica, refletida e analisada em conjunto com outros professores e alunos, sujeitos sociais na luta pela terra e pela justiça social. O trabalho de ação-reflexão-ação na prática docente tem permitido o

desenvolvimento de crianças, jovens e adultos que assumem para si o compromisso com a transformação da realidade em que atua.

Nessa leitura a experiência desenvolvida com alunos de prática de ensino na EFA Dom Fragoso colocou o desafio de desenvolver, juntamente com a escola, instrumentos pedagógicos que contribuíram para o ensino da Geografia do campo.

Na compreensão da escola como lugar da produção do conhecimento, discutir conceitos como: natureza e semiárido, cidade e campo, entre outros a partir de eixos temáticos e rodas de conversas trazem muito mais do que discursos vazios de aprendizagens significativas. A roda de conversa com os professores e os alunos da EFA sobre a Geografia revelou saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar.

O trabalho com o estágio curricular na escola do campo tem exigido um repensar em nossas práticas de ensino em Geografia, ficando como regra, o fato de ser de fundamental importância o envolvimento dos alunos no trabalho em conjunto.

4 – Referencias bibliográficas

ARROYO, Miguel Gozales. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. SOARES, Leôncio *et al* (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010. pp. 478-488.

CANDAU, Vera Maria e LELIS, Isabel Alice. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, Vera (org.) **Rumo a uma nova Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. pp.49-63.

CAVALCANTI, Lana. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. SANTOS, Lucíola de Castro Paixão *et al* (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010. pp. 368-391.

JESUS, J. G. **Saberes e formação de professores na pedagogia da alternância**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de e SILVA, Edson Vicente da. Geografia e Escola do campo: saberes, práticas e resultados. In: **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, ano 08, número 16, Fortaleza, 2009. pp. 139-148.